



B1

ISSN: 2595-1661

ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>

ISSN: 2595-1661

Revista JRG de
Estudos Acadêmicos

Análise do uso de psicotrópico em uma Unidade de Saúde da Família durante a pandemia do Covid-19

Analysis of psychotropic use in a Family Health Unit during the Covid-19 pandemic

DOI: 10.5281/zenodo.8193396

ARK: 57118/JRG.v7i14.672

Recebido: 21/06/2023 | Aceito: 28/07/2023 | Publicado: 02/01/2024

Suzana de Oliveira Moraes¹

<https://orcid.org/0009-0008-1003-3857>

<http://lattes.cnpq.br/3826328301034762>

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC/PR, Brasil

E-mail: suzana.oliveira@unesp.br

Lucas Cardoso dos Santos²

<https://orcid.org/0000-0002-7337-2759>

<http://lattes.cnpq.br/6109412239407017>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil

E-mail: email@gmail.com

Michelle Cristine de Oliveira Minharro³

<https://orcid.org/0000-0001-7001-5935>

<http://lattes.cnpq.br/1658599597609935>

Faculdade de Medicina de Botucatu - Unesp, FMB - UNESP, Brasil

E-mail: michelle.minharro@unesp.br

Juliane Andrade⁴

<https://orcid.org/0000-0002-4321-0118>

<https://lattes.cnpq.br/8687040722143585>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil

E-mail: juliane.andrade@unesp.br

Guilherme Correa Barbosa⁵

<https://orcid.org/0000-0002-7433-8237>

<https://lattes.cnpq.br/4066495284331881>

Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil

E-mail: g.barbosa@unesp.br



¹ Psicóloga (CRP 06/165683) formada na Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS) e especialista em Saúde da Família pela Residência Multiprofissional em Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual Paulista (FMB/UNESP) de Botucatu. Atualmente, faço especialização em Saúde Mental pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e sou psicóloga do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu (HCFMB) da UNESP, com atuação no Serviço de Atenção e Referência de Álcool e drogas (SARAD).

² Possui Graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP (2009), Especialização em Saúde da Família pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP (2013), Mestrado em Saúde Coletiva pela UNESP (2015), doutorado em Enfermagem pela UNESP (2022), Especialização em Mediação de Processos Educacionais na Modalidade Digital (2022) e Pós-doutorado em Enfermagem (2023).

³ Graduação em Enfermagem - Faculdades Integradas de Jaú (2005). Atualmente é professora colaboradora do departamento de enfermagem da FMB-Unesp na área de enfermagem de saúde pública e professora assistente do curso de Enfermagem da Faculdade Marechal Rondon desde 2018. Trabalhou como enfermeira da OSS Pirangi responsável pela Clínica do Bebê da Secretaria Municipal de Saúde de Botucatu por 11 anos.

⁴ Graduou-se em Enfermagem pela Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (FMB-UNESP) em 2007. Concluiu a Especialização em Formação Pedagógica para Docência (UNINGÁ) no ano de 2009 e a Residência Multiprofissional em Saúde da Família (FMB-UNESP) em 2010. Em 2013 obteve título de Mestre em Enfermagem, pelo Departamento de Enfermagem (FMB-UNESP) e em 2017 o título de Doutora em Saúde Coletiva, pelo Departamento de Saúde Coletiva (FMB-UNESP).

⁵ Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006). Aprimorado em Enfermagem Psiquiátrica pela Faculdade de Medicina de Marília (2008). Mestre em Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-EERP/USP (2011). Doutor em Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de São Paulo-EE/USP (2013). Pós-doutor pela Escola de Enfermagem de São Paulo-EE/USP (2022).

Resumo

Objetivo: Analisar o uso de psicotrópicos por usuários de uma Unidade da Estratégia da Saúde da Família de um município de médio porte durante a pandemia da COVID-19. **Método:** Estudo transversal e retrospectivo, a partir de análise de prontuários no período de março a julho de 2022. **Resultados:** A amostra foi composta por 282 prontuários em que a maioria era de pacientes do sexo feminino, com ensino médio completo, sem companheiro e desempregada. Com a pandemia, percebeu-se aumento na prescrição de psicotrópicos da classe dos antidepressivos a partir do diagnóstico mais frequente de ansiedade, porém sem acompanhamento longitudinal pela equipe. Durante a segunda onda da pandemia, ocorreu uma diminuição na prescrição do Biperideno, Haloperidol e o aumento da Sertralina. **Conclusões:** Houve um crescimento significativo no diagnóstico de transtornos psiquiátricos e a prescrição de medicações psicotrópicas durante a pandemia, evidenciando a necessidade de atenção pelas equipes à essa população.

Palavras-chave: COVID-19. Psicotrópicos. Serviços de Saúde. Atenção Primária à Saúde.

Abstract

Objective: To analyze the use of psychotropic drugs by users of a Family Health Strategy Unit in a medium-sized municipality during the COVID-19 pandemic. **Method:** Cross-sectional and retrospective study, based on the analysis of medical records from March to July 2022. **Results:** The sample consisted of 282 medical records, most of which were female patients, with complete secondary education, without a partner and unemployed. With the pandemic, an increase in the prescription of psychotropic drugs from the antidepressant class was noticed from the more frequent diagnosis of anxiety, but without longitudinal follow-up by the team. During the second wave of the pandemic, there was a decrease in the prescription of Biperiden, Haloperidol and an increase in Sertraline. **Conclusions:** There was a significant increase in the diagnosis of psychiatric disorders and the prescription of psychotropic medications during the pandemic, highlighting the need for attention by the teams to this population.

Keywords: COVID-19. Psychotropic Drugs. Health Services. Primary Health Care.

1. Introdução

Em março de 2020, foi decretada a situação de pandemia da *Corona Virus Disease* (COVID-19) ou doença do coronavírus pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A partir disso diversas recomendações foram feitas para diminuir o avanço do vírus SARS-CoV-2, dentre elas o isolamento social, com repercussões na saúde mental da população⁽¹⁾.

Pessoas expostas ao distanciamento social, as notícias com conteúdo voltadas ao número de mortes e sequelas da doença, o próprio isolamento social, dentre outros eventos estressores, podem desencadear sintomas na ordem do sofrimento psicológico, como angústia, ansiedade, depressão, estresse, medo, raiva, solidão; além da exposição à vulnerabilidades, como a perda do emprego e da insegurança alimentar, que colocam a saúde mental em risco, provocando impactos psicossociais distintos na população⁽²⁾.

Nos primeiros meses dessa emergência sanitária, percebeu-se um aumento nos transtornos mentais^(3,4), o que pode ocasionar o aumento na prescrição de medicações psicotrópicas e por consequência o seu uso, especialmente em pessoas

com adoecimento psíquico prévio e que apresentaram agravamento do seu quadro de saúde⁽⁴⁾. Cabe salientar que em contextos de catástrofes, cada pessoa enfrenta de forma singular e em intensidades diferentes situações de estresse e traumáticas⁽⁴⁾.

Com o aumento de sintomas de saúde mental relacionados as diferentes consequências da pandemia na sociedade, muitos pacientes buscaram por ajuda especializada, dando início, assim, ao uso de medicação psicotrópicas, dentre os quais em sua maioria se encontram os ansiolíticos, antidepressivos, estabilizadores de humor e os antipsicóticos^(4,5).

O Brasil é considerado o país com mais pessoas com sintomas de ansiedade no mundo, antes do período pandêmico, apresentando por volta de 9,3% (19,4 milhões) da população. Com a pandemia esse valor subiu para 25%, bem como para os sintomas depressivos⁽⁶⁾.

A Atenção Primária à Saúde (APS) apresenta-se como *locus* privilegiado para o acompanhamento individual, familiar e coletivo para as diferentes necessidades de saúde que se apresentam na população, incluindo aquelas voltadas aos sintomas de saúde mental que representam um terço das consultas realizadas nesse nível de atenção, envolvendo desde o início do tratamento medicamentoso às queixas relacionadas aos efeitos colaterais ou ao não controle dos sintomas apresentados⁽⁷⁾.

Nesse contexto, algumas problemáticas frente as prescrições para o uso de psicotrópicos se apresentam nos serviços de cuidados primários em que 63,8% da população atendida faz uso dessas medicações, como o excesso de medicações iniciadas, o diagnóstico de transtornos mentais sem o adequado rastreio e abordagem em saúde mental, a medicalização de sintomas advindos de situações rotineira da vida e atendimentos focados no profissional médico, nos sintomas e na doença^(5,7).

Os novos processos de vida com a pandemia, contribuiu com o aumento do uso de psicotrópicos receitados com a intencionalidade de solucionar o surgimento e agravamento dos sintomas em saúde mental, a partir de uma abordagem biológica ao processo de sofrimento psíquico, distanciando-se ainda de uma prática alicerçada no cuidado integral à saúde^(8,9).

Posto isso, é importante pensar em outras abordagens e tecnologias que possam potencializar o cuidado às pessoas com sintomas de saúde mental, apoiadas em terapêuticas não medicamentosas, e que considerem a saúde mental como uma dimensão transversal a vida e não como sinônimo de transtorno mental, como os grupos terapêuticos, o acolhimento, projeto terapêutico singular, o trabalho em equipe, interprofissional e em rede e a clínica ampliada⁽⁸⁾.

Destarte, com o aumento dos diagnósticos de transtornos mentais ocasionados pelos sintomas advindos pelas mudanças ocasionadas pela pandemia e por consequência no aumento no uso de psicotrópicos, faz-se necessário conhecer o uso dessas medicações pela população, de forma a se identificar possíveis necessidades de ações frente a promoção, prevenção e recuperação em saúde, bem como de educação permanente e continuada, voltadas a melhorar o cuidado em saúde mental da população. Com isso, o presente estudo tem como objetivo analisar o uso de psicotrópicos em usuários de uma Unidade Básica de Saúde no modelo Saúde da Família de um município de médio porte durante a pandemia da COVID-19.

2. Metodologia

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo quantitativo, transversal e retrospectivo, descrito com base na ferramenta *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE) que buscou analisar o uso de psicotrópico em usuários de uma Unidade da Estratégia da Saúde da Família (USF) de um município de médio porte durante a pandemia da COVID-19,

Cenário de estudo

Esse estudo foi realizado em um município de médio porte localizado centro-oeste do estado de São Paulo com população estimada de 149.718 habitantes⁽¹⁰⁾. Possui 21 Unidades Básicas de Saúde, sendo seis no modelo tradicional, 13 como Estratégia Saúde da Família (ESF) e dois Centros de Saúde Escola, sendo que a ESF apresenta cobertura de cerca de 40% da população e 21 equipes de saúde da família⁽¹¹⁾.

A USF, cenário desse estudo, está organizada com duas equipes, apresentando em sua composição: agente comunitário de saúde, auxiliar de consultório dentário, auxiliar de enfermagem, cirurgião-dentista, enfermeiro, médico.

A rede de atenção à saúde primária do município possui o Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF), em que atuam assistente social, fisioterapeuta, nutricionista, médico ginecologista, médico pediatra, médico psiquiatra, profissional de educação física e psicólogo. Quinzenalmente, ocorrem reuniões de matriciamento e discussão de casos com a chamada equipe de saúde mental, composta por assistente social, psicólogo e médico psiquiatra. A Unidade ainda conta com profissionais vinculados ao Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, composta, no momento da pesquisa por cirurgião-dentista, enfermeiro e psicólogo.

A população adscrita da USF caracteriza-se por ser em sua maioria do sexo feminino, de cor branca, desempregada, com escolaridade até o ensino médio completo⁽¹²⁾. Ademais, a área de influência, que se ocupa de pessoas que vivem em torno da área de abrangência da Unidade e que em sua maioria retiram sua medicação na USF, também apresentam características semelhantes por serem de bairros em situação vulnerável.

Critérios de inclusão

Foram participantes dessa pesquisa, munícipes que retiraram medicação na USF no ano de 2020, sem limite de idade.

Procedimentos

Materiais e instrumentos

Para obtenção dos dados foi construído um instrumento à partir das seguintes variáveis: início do uso da medicação psicotrópica, sexo, idade, hipótese diagnóstica, ocupação, escolaridade, estado civil, medicamentos psicotrópicos prescritos, tempo de uso, faz consultas periódicas para acompanhamento da saúde mental, faz apenas renovação de receitas sem consulta para acompanhamento da saúde mental.

Quanto aos medicamentos psiquiátricos foram divididos em classes, como a de antidepressivos (amitriptilina, bupropiona, clomipramina, fluoxetina, nortriptilina e sertralina); os estabilizadores de humor (ácido valpróico, carbamazepina, carbonato de lítio e fenitoína); os benzodiazepínicos (diazepam e clonazepam); neurolépticos

(clorpromazina, haloperidol e levomepromazina); e os anticolinérgicos (biperideno).

Em relação a farmácia da USF em questão, foram utilizadas somente as medicações dispensadas no local, não incluindo as medicações que o usuário pudesse comprar em farmácia particular.

Como variável para análise também foi utilizado as ondas de COVID-19. Vale ressaltar que o conceito de ondas dentro de uma pandemia, corresponde ao aumento no número de casos e depois uma baixa, com o aumento sendo o início da onda e o final da onda uma baixa significativa dos casos, neste trabalho, foi avaliada a primeira e a segunda onda de COVID-19. Em relação ao Brasil, a primeira onda do COVID-19 ocorreu entre fevereiro a julho de 2020 e a segunda a partir de novembro de 2020⁽¹³⁾.

Procedimentos de coleta de dados

Foram utilizados os dados oferecidos pela farmácia da USF, visto que eles possuem os registros de dispensação eletrônico da população que faz o consumo dos psicotrópicos, separado em medicações controladas e lista de benzodiazepínicos, bem como os prontuários dos pacientes.

A coleta de dados foi feita por meio do instrumento citado via Google Forms pela autora deste trabalho durante o período de março a julho de 2022.

Ressalta-se que por se tratar de dados secundários, as variáveis sofreram oscilação em seu quantitativo.

Análise dos resultados

Os dados foram organizados em uma planilha Excel e para análise foi usado o SPSS (*Statistical Package for the Social Science*) versão 13.0, envolvendo a análise descritiva dos dados, testes inferenciais de médias e construção de intervalos de confiança para cada uma das variáveis quantitativas, e intervalo de confiança de 95%. A comparação entre as ondas foi feita por meio do teste dos testes de Qui-quadrado ou Exato de Fisher, supondo ausência de autocorrelação no tempo. Diferenças foram consideradas estatisticamente significativas se $p < 0,05$.

Aspectos éticos

O projeto foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da instituição do pesquisador sob o número do parecer 5.257.947.

Devido ao tipo de estudo, não foi necessário o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por não apresentar risco de exposição e de confidencialidade.

3. Resultados

Dentro um total 979 de pessoas que usam medicação e que a coletaram na USF, 282 participantes iniciaram uso de psicotrópicos no período de 2020 a 2022, demonstrando um aumento de 40,4%.

Os analisados em sua maioria eram do sexo feminino 59,3% (166), com ensino médio completo (45,2% - 103), solteiros (63,2% - 168) e não trabalhavam (67,4% - 190) (Tabela 1).

Tabela 1. Características socioeconômicas dos participantes da pesquisa em uso de psicotrópicos no ano de 2020 em uma unidade de saúde da família, estado de São Paulo, 2022

Variáveis	n	%
Sexo (n=280)		
Feminino	166	59,3
Masculino	114	40,7
Escolaridade (n=228)		
Sem escolaridade	14	6,1
Fundamental completo	101	44,3
Médio completo	103	45,2
Ensino superior	10	4,4
Estado civil (n=266)		
Sem parceiro	168	63,2
Com parceiro	98	36,8
Ocupação (n=282)		
Não trabalha	190	67,4
Trabalha	58	20,6
Estudante	3	1,0
Do lar	9	3,2
Aposentado	22	7,8

Fonte: autores, 2022

Foi observado um aumento maior no uso de psicotrópicos na primeira onda de COVID-19, que foi de 91,5% (258) em comparação com a segunda onda (8,5% -24) (Tabela 2).

Tabela 2. O uso de psicotrópico de uma unidade de saúde da família durante a primeira e segunda onda de COVID-19 no ano de 2020, município do estado de São Paulo, 2022

Variável	n	%
Onda COVID-19		
Primeira*	258	91,5
Segunda**	24	8,5

*Primeira onda: abril a maio de 2020

**Segunda onda: novembro de 2020

Fonte: autores, 2022

Após a análise estatística para comparação entre as ondas, observa-se alteração significativa em relação a distribuição da ocupação, com aumento principalmente da prevalência de participantes que relataram estar trabalhando e ao mesmo tempo aumento de participantes que relataram estar na condição do lar (Tabela 3). Não houve alterações significativas para sexo.

Tabela 3. Características dos participantes quanto a escolaridade e ocupação, em relação a primeira e segunda onda COVID-19 no ano de 2020 de uma unidade de saúde da família, município do estado de São Paulo, 2022

Variável	Onda				p †
	Primeira*		Segunda**		
	n	%	n	%	
Escolaridade					0,156*
Sem	14	6,6	0	0,0	
Até fundamental completo	96	45,5	5	29,4	
Até médio completo	93	44,1	10	58,8	
Superior	8	3,8	2	11,8	
Ocupação					0,016*
Não trabalha	178	69,0	12	50,0	
Trabalha	49	19,0	9	37,5	
Estudante	2	0,8	1	4,2	
Do lar	7	2,7	2	8,3	
Aposentado	22	8,5	0	0,0	

*Primeira onda: abril a maio de 2020

**Segunda onda: novembro de 2020

†Exato de Fisher

Fonte: autores, 2022

Considerando o n de 258 participantes, dentro da classe de medicações antidepressivas, a Sertralina foi a medicação com maior registro de uso, sendo 40,1% (113), seguido da Fluoxetina com 14,2% (40). Na classe de estabilizadores do humor, a Carbamazepina teve maior porcentagem de saída com 12,4% (35) e na classe dos neurolépticos, o psicofármaco Haloperidol, foi o mais retirado da farmácia com 14,2% (40). Por fim, na classe de anticolinérgicos, o Biperideno foi o único desta classe, com retirada de 18,8% (53) dos casos.

Quanto as classes dos medicamentos em uso, detectou-se alterações significativas referente a diminuição do uso na segunda onda para as classes de estabilizador de humor e anticolinérgico, e aumento do uso na segunda onda de antidepressivo (Tabela 4).

Tabela 4- O uso de psicotrópico de uma unidade de saúde da família, segundo classes, durante a primeira e segunda onda de COVID-19 no ano de 2020, município do estado de São Paulo, 2022

Variável	Total	Primeira onda*		Segunda onda**			p †
		n	%	Total	n	%	
Estabilizador de humor	258	62	23,6	24	1	4,2	0,036
Anticolinérgico	258	53	20,5	24	0	0	0,011
Neuroléptico	258	53	20,5	24	1	4,2	0,057
Benzodiazepínico	258	3	1,2	24	0	0,0	1,000
Antidepressivo	258	164	63,6	24	22	91,7	0,030

*Primeira onda: abril a maio de 2020

**Segunda onda: novembro de 2020

†Exato de Fisher

Fonte: autores, 2022

Outro dado importante é que 66,1% (185) das pessoas não continuaram o tratamento.

Em concordância com os prontuários encontrados na USF Jardim Aeroporto, 55,8% (29) das pessoas têm o diagnóstico de ansiedade, 21,2% (11) das pessoas têm o diagnóstico de depressão. Em relação a sintomas apresentados quatro (7,7%) referiram enxaqueca.

Já em relação às consultas feitas pelos psicólogos e assistentes sociais que compõem a equipe do NASF, 89,0% das pessoas que estavam em uso de psicotrópicos não passaram em consulta com profissionais de saúde mental, apenas 11,0% fizeram esse acompanhamento.

4. Discussão

Este estudo buscou analisar o uso de psicotrópicos em usuários de uma USF durante a pandemia da COVID19. Foi possível identificar, que a maior parte das pessoas que consomem o psicotrópico são mulheres, além disso apresentou alterações significativas em relação a distribuição da ocupação, com aumento principalmente da prevalência de participantes que relataram estar trabalhando e ao mesmo tempo aumento de participantes que relataram estar na condição do lar.

Ainda se destaca as alterações significativas referente a diminuição do uso na segunda onda para as classes de estabilizador de humor e anticolinérgico, e aumento do uso na segunda onda de antidepressivo. Por fim, grande parte dessas pessoas não fizeram acompanhamento com profissionais de saúde mental.

Nessa perspectiva, é importante iniciar a discussão com o dado da maioria dos participantes da pesquisa ser mulher. Culturalmente, e até mesmo pelo histórico de políticas públicas de saúde, o público que mais procura/frequenta a Unidade de Saúde são mulheres, além disso, a literatura aborda que as mulheres sobrepõem papéis dentro do lar, respingos da desigualdade de gênero presente na sociedade, favorecendo a sobrecarga e o aparecimento de transtornos mentais⁽¹⁴⁾.

Estudos na Espanha e na Dinamarca também corroboram um aumento no uso de medicações psicotrópicas no sexo feminino, atribuindo desde desigualdades de gênero em relação à dupla jornada de trabalho, mais consultas médicas e até o papel de cuidadora e gerenciadora do lar o que acarreta maior estresse psicológico o que propicia depressão, ansiedade e até distúrbios na alimentação e sono^(15,16).

No contexto da pandemia essa sobreposição foi ainda mais intensificada, uma vez que o trabalho doméstico e o cuidado com outras pessoas aumentaram, devido ao fechamento de creches, escolas e trabalho. Ainda, no ano de 2020, houve um aumento nos casos de violência contra a mulher, potencializando o aparecimento de transtornos mentais neste público⁽¹⁷⁾.

A Sertralina, medicamento da classe dos antidepressivos Inibidores Seletivos da Recaptação da Serotonina (ISRS), foi o principal medicamento receitado para o tratamento da ansiedade e depressão na amostra deste estudo e foi reforçado pelos estudos encontrados, que a classe dos ISRS têm sido cada vez mais escolhida devido a eficácia do tratamento, principalmente na ansiedade e na depressão, visto que oferece uma maior segurança para o paciente em relação aos efeitos colaterais, que são mais leves^(5,18,19).

Um destaque para o uso do psicotrópico é a não continuidade do tratamento medicamentoso; esse dado vai ao encontro com estudo que identificou dificuldade na manutenção do uso de medicações a longo prazo e os motivos para a não continuidade são os efeitos colaterais, o não apoio da família, dificuldade de perceber

a melhora, medo da dependência da medicação, relação com o prescritor, entre outros⁽¹⁹⁾.

Em relação ao baixo acompanhamento dos participantes em uso de psicotrópicos por profissionais de saúde mental, vale destacar que o NASF tem a atribuição de matricular a equipe para este cuidado ou proporcionar atividades coletivas para tal⁽²⁰⁾. Deste modo, o baixo acompanhamento pode estar conectado com o fato destes profissionais da equipe serem matriciados, bem como por fragilidade na interação entre equipe da unidade e NASF.

É importante refletir sobre a medicalização de problemas sociais que acontecem na APS, onde o indivíduo não é visto com olhar integral, mas sim de forma reduzida e medicalizante, se baseando em critérios diagnósticos como a única maneira de se tratar o sofrimento humano. Evidencia-se que o processo de trabalho da APS está subordinado ao modelo biomédico, sendo a doença o foco do cuidado e por isso a medicação apresenta-se como a escolha na assistência à pessoa com sintomas de saúde mental^(21,22).

Os achados deste trabalho também mostraram o transtorno de ansiedade como mais prevalente, se ocupando de 55,8% dos diagnósticos, corroborando os resultados de estudos já feitos sobre os efeitos da pandemia na saúde mental e o aumento desse transtorno^(23,24). É perceptível que, em situações de pandemia, aconteçam ocorrências de adoecimento mental com pessoas que não tem histórico da doença, bem como o agravamento de pessoas que já possuíam questões de saúde mental⁽²⁵⁾.

Por se tratar de um estudo com dados secundários, as limitações estão ligadas a falta de informações para todas as variáveis estudadas por participante. Apesar da característica local da pesquisa, a mesma pode ser base para fomentar a conexão entre equipe de saúde e NASF para um efetivo cuidado em saúde e ainda provocar discussões no que tange o planejamento de ações de promoção da saúde visando a saúde mental da área na APS independente do momento epidemiológico, em relação ao COVID-19.

5. Conclusão

O presente trabalho identificou um crescimento significativo no diagnóstico de transtornos psiquiátricos e a prescrição de medicações psicotrópicas durante a pandemia, evidenciando a necessidade de atenção pelas equipes à essa população. Portanto, é desejável que estudos futuros utilizem outros desenhos metodológicos de forma a identificar se o padrão de prescrição e uso de psicotrópicos se sustenta ao longo do tempo, considerando o impacto da pandemia na saúde mental da população.

Os dados atuais e aqui apresentados ressaltam a necessidade das equipes de saúde melhor realizarem o rastreamento da população frente aos diferentes sinais e sintomas de saúde mental para a prestação do melhor cuidado. Dessa forma, os resultados podem favorecer a implementação de ações que visam mitigar os efeitos negativos da pandemia de COVID-19 sobre a saúde mental de pessoas que buscam atendimento em serviços de Atenção Primária e, também treinar e capacitar os profissionais de saúde para a realização de um acolhimento apoiado na integralidade do cuidado.

Por fim a pandemia de COVID-19 trouxe insights críticos sobre os sinais e sintomas de saúde mental apresentados pela população que devem ser considerados em futuras políticas e programas de saúde, visando identificar e mitigar as consequências nocivas decorrentes de situações epidêmicas, sobretudo aquelas relacionados ao uso de psitrópicos.

Referências

1. Dhama K, Khan S, Tiwari R, Sircar S, Bhat S, Malik YS, Singh KP, Chaicumpa W, Bonilla-Aldana DK, Rodriguez-Morales AJ. Coronavirus Disease 2019-COVID-19. *Clin Microbiol Re* [Internet]. 2020 [citado 10 Jan 2023];24;33(4):e00028-20. Disponível em: <https://doi.org/10.1128/CMR.00028-20>
2. Hwang TJ, Rabheru K, Peisah C, Reichman W, Ikeda M. Loneliness and social isolation during the COVID-19 pandemic. *Int Psychogeriatr* [Internet]. 2020 [citado 10 Jan 2023];32(10):1217-1220. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1041610220000988>
3. Suen PJC, Bacchi PS, Razza L, Santos LA, Fatori D, Klein I, et al. Examining the impact of the COVID-19 pandemic through the lens of the network approach to psychopathology: analysis of the Brazilian Longitudinal Study of Health (ELSA-Brasil) cohort over a 12-year timespan. *J Anxiety Disord* [Internet]. 2022 [citado 10 Jan 2023];85:102512. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2021.102512>
4. Feitosa RS, Cruz RA Jr. Depressão, ansiedade e o uso de psicofármacos na pandemia da COVID-19. *REASE* [Internet]. 2021 [citado 7 Jul 2023];7(10):2925-37. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/2978>
5. Oliveira PCJ, Jesus EB, Dias AK, Pereira RA, Santana JMS, Figueredo RC, et al. Uso de medicamentos psicotrópicos e ansiolíticos no município de Guaraí-TO antes e durante o período da pandemia COVID-19. *JNT* [Internet]. 2021 [citado 13 Jun 2023];2(31):595-608. Disponível em: <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/1339>
6. World Health Organization. Mental health and COVID-19: early evidence of the pandemic's impact. Geneva: WHO; 2022 [citado 10 Jan 2023]. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/WHO-2019-nCoV-Sci_Brief-Mental_health-2022.1
7. Honesko BZ. Promoção do uso racional de psicotrópicos na Unidade Básica de Saúde Manoel Nicolau Bauer, em São Miguel do Iguazu [trabalho de conclusão de curso] [Internet]. São Miguel do Iguazu: Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná; 2021 [citado 10 Fev 2023]. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/72890>
8. Lima TN, Sousa MNA. Uso abusivo de psicotrópicos e fatores associados com a má utilização na atenção primária à saúde. *Rev Mult Psicol* [Internet]. 2021 [citado 10 Jan 2023];15(54):92-103. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2915>
9. Lima LA. O uso de psicotrópicos na atenção primária: a medicalização na Estratégia Saúde da Família no contexto da pandemia por COVID-19. *Res Soc Dev* [Internet]. 2023 [citado 10 Fev 2023];12(1):e29012138054. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/38054>

10. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Portal do IBGE [Internet]. Brasília: IBGE; 2023 [citado 13 Jul 2023]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>
11. Brasil. Ministério da Saúde. E-Gestor Atenção Básica: informações e gestão da Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde; 2023 [citado 10 Jan 2023]. Disponível em: <https://egestorab.saude.gov.br/paginas/acessoPublico/relatorios/relHistoricoCoberturaAB.xhtml>
12. Brasil. Ministério da Saúde. Sistema de informação em saúde para a Atenção Básica: prontuário eletrônico do cidadão. Brasília: Ministério da Saúde; 2023 [citado 13 fev 2023]. Disponível em: <https://sisab.saude.gov.br/>
13. Moura EC, Cortez-Escalante J, Cavalcante FV, Barreto ICHC, Sanchez MN, Santos LMP. Covid-19: evolução temporal e imunização nas três ondas epidemiológicas, Brasil, 2020–2022. *Rev Saude Publica* [Internet]. 2022 [citado 10 dez 2022];56:105. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056004907>
14. Santos LS, Diniz GRS. Saúde mental de mulheres donas de casa: um olhar feminista-fenomenológico-existencial. *Psicol Clin* [Internet]. 2018 [citado 13 Jan 2023];30(1):37-59. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n01A02>
15. García MLN, Martínez PF, Bretón EF, Alfonso MMM, Gil PS. Psychotropic consumption before and during COVID-19 in Asturias, Spain. *BMC Public Health* [Internet]. 2023 [citado 13 Jan 2023];23(494):1-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-023-15360-0>
16. Bliddal M, Rasmussen L, Andersen JH, Jensen PB, Pottegård A, Munk-Olsen T, et al. Psychotropic medication use and psychiatric disorders during the COVID-19 pandemic among danish children, adolescents, and young adults. *JAMA Psychiatry* [Internet]. 2023 [citado 13 Jan 2023];80(2):176-80. Disponível em: [10.1001/jamapsychiatry.2022.4165](https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2022.4165)
17. Shoaie NK, Asadi N, Salmani M. The relationship between mental health and violence toward women during the COVID-19 pandemic. *BMC Psychiatry* [Internet]. 2022 [citado 13 Jan 2023];12;22(1):783. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12888-022-04448-3>
18. Bezerra IC, Jorge MSB, Gondim APS, Lima LL, Vasconcelos MGF. "Fui lá no posto e o doutor me mandou foi pra cá": processo de medicamentação e (des)caminhos para o cuidado em saúde mental na Atenção Primária. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2014 [citado 10 Jan 2023];18(48):61-74. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0650>
19. Souza MSF, Kopittke L. Adesão ao tratamento com psicofármacos: fatores de proteção e motivos de não adesão ao tratamento farmacológico. *Rev APS* [Internet]. 2016 [citado 13 Jan 2023];19(3):1-9. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15497>

20. Brito GEG, Forte FDS, Freire JCG, Moreira LB, Paredes SO, Silva SLA. Articulação entre a EqSF/AB e o NASF/AB e sua influência na produção do cuidado no contexto da Atenção Primária à Saúde. Cienc Saude Colet [Internet]. 2022 [citado 13 Jan 2023];27(6):2495-508. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022276.03942021>
21. Ordônio ADC, Leite GGR, Lima SAM, Santos MA, Sá Neto MD, Marchiori JBC, et al. Serviços de atenção básica frente à pandemia de covid-19. Braz J Health Rev [Internet]. 2021 [citado 10 Fev 2023];4(1):2260-7. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/23997>
22. Molck BV, Barbosa GC, Domingos TS. Psicotrópicos e Atenção Primária à Saúde: a subordinação da produção de cuidado à medicalização no contexto da saúde da família. Interface (Botucatu) [Internet]. 2021 [citado 13 Jan 2023];25:e200129. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200129>
23. Barros MBA, Lima MG, Malta DC, Szwarcwald CL, Azevedo RCS, Romero D, et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. Epidemiol Serv Saude [Internet]. 2020 [citado 13 Jan 2023];29(4):e2020427. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400018>
24. Rolim JA, Oliveira AR, Batista EC. Manejo da ansiedade no enfrentamento da Covid-19. Rev Enferm Saude Colet [Internet]. 2020 [citado 10 Fev 2023];5(1):64-74. Disponível em: <http://www.revesc.org/index.php/revesc/article/view/63>
25. Nabuco G, Oliveira MHPP, Afonso MPD. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental. Rev Bras Med Fam Comunidade [Internet]. 2020 [citado 7 Fev 2023];15(42):2532. Disponível em: [https://doi.org/10.5712/rbmfc15\(42\)2532](https://doi.org/10.5712/rbmfc15(42)2532)